

VI WORKSHOP PRODUÇÃO ESCRITA E PSICANÁLISE

MOVIMENTOS PELO ESCRITO: DO MEDO AO ENTUSIASMO

21 e 22 de outubro de 2010

CADERNO DE RESUMOS

Realização:



Grupo de Estudos e Pesquisa
Produção Escrita e Psicanálise

ÍNDICE

Mesa	Página
Quinta-feira, 21 de Outubro	
09h00 - Livros indigestos ou sujeitos mal passados?.....	1
11h00 - O que se espera do inesperado?.....	2
14h30 - Há beleza na burocracia?.....	4
16h30 - Qual a utilidade das mentiras que a gente se conta?.....	6
Sexta-feira, 22 de Outubro	
09h00 - O que se prepara na panela que as letras tampam?.....	8
11h00 - A que deuses obscuros sacrificamos nossos sonhos?.....	9
14h30 - Quem escreve sabe que é mortal?.....	11
16h30 - Como saborear realidades medonhas?.....	12

Quinta-Feira, 21 de Outubro

09h00 - Livros indigestos ou sujeitos mal passados?

“Alguns livros devem ser degustados, Outros são devorados, Apenas poucos são mastigados E digeridos totalmente. Naquela época, quando ainda precisava subir numa caixa para decifrar a placa, ela pensava que a frase falava literalmente em mastigar, e se perguntava horrorizada por que Mo havia escolhido para pendurar em sua porta as palavras de alguém tão esquisito, que destruía livros daquela maneira”. (op.cit., p.16-17)

Des-armados até os dentes: enfrentar o medo mal passado de um livro ou ler com entusiasmo indigesto

Valdir Heitor BARZOTTO

A leitura e sua repercussão na escrita são analisadas nesse trabalho tendo como pressupostos a não coincidência entre a percepção de um corpo com a sua materialidade física - forma e tamanho, por exemplo -, e a impossibilidade de apreensão de uma imagem em sua totalidade, já que ela se constitui de fragmentos compartilhados por uma comunidade interpretativa.

A reflexão persegue a hipótese de que tais limites de percepção e apreensão, podem ser geradores de medo frente à experiência com a escrita, e que para enfrentá-lo tem-se oferecido objetos e procedimentos capazes de levar ao entusiasmo.

Tendo em vista os dois pressupostos e a hipótese apresentados acima, o objetivo central da reflexão que será apresentada é contribuir para os estudos sobre a leitura e a escrita buscando elementos que ajudem a entender com que fragmentos tem sido formadas imagens de conhecimento a que temos acesso pela escrita na sociedade e nas instituições formadoras hoje.

Para atendermos aos propósitos deste trabalho, procuramos compreender com que elementos aquele que se dispõe a ler e a escrever pode contar para a constituição da imagem própria de si mesmo, dos suportes de textos e do conhecimento que recebe como legado cultural e daquele que está por produzir.

Palavras-chave: leitura; escrita; formações imaginárias.

Entre a teoria e a prática: o que se cobra em concursos públicos para professores?

Adriana Santos BATISTA

Tendo em vista que concursos públicos para professores, no caso da educação na esfera pública, funcionam como intermediários entre a formação universitária e o trabalho em sala de aula, o objetivo desta pesquisa é verificar se nas provas de seleção os livros são mobilizados para discussão de aspectos teóricos ou se a teoria se apresenta de forma contextualizada. De modo mais específico, pretende-se discutir se as teorias são cobradas isoladamente ou se aparecem como possibilidades de compreender e analisar manifestações linguísticas, próprias do ambiente escolar ou não. Como referencial teórico, adotaram-se as considerações de Ginzburg (1986) sobre o paradigma indiciário e de Pêcheux (1993) sobre as formações imaginárias. O *corpus* foi constituído por 125 questões da parte específica de cinco provas, aplicadas entre 2006 e 2008, para contratação de professores de língua portuguesa (últimos anos do ensino fundamental). As análises demonstraram que, das 53 que indicavam explicitamente o livro tomado como base para sua elaboração, 17 contextualizaram a teoria e 36 não o fizeram. Considerando-se que o concurso público visa a selecionar professores para atuar em sala de aula, cabe questionar quais imagens se formam a respeito da necessidade do conhecimento específico, ou seja, se o saber teórico cobrado na prova encerra-se em si mesmo ou se é um meio para verificar a capacidade do candidato de relacionar teoria e prática.

Palavras-chave: concurso público; formações imaginárias; seleção de professores.

Quando a mídia escreve a sua história

Milan PUH

Este trabalho estuda como, nos últimos anos, o discurso midiático apresenta, em revistas de grande circulação, a crise política e econômica. O objetivo é demonstrar a conexão entre as estratégias discursivas da mídia e da política na formação e constituição da noção de crise. Pretende-se verificar como a mídia, ou seja, os jornalistas, usam processos de argumentação e legitimação para formular e divulgar as suas idéias,

atitude essa que os aproxima do discurso político, meio pelo qual (re)formam a visão veiculada a seus leitores, assujeitando-os a seu discurso. Os jornalistas como narradores oferecem, em diferentes narrativas, discursos particulares, conforme a necessidade e a visão ideológica que cada um tem, assemelhando-se muito aos políticos, porque tanto uns como outros “manipulam” com/a língua para alcançar seus interesses. A maneira como os jornalistas escolhem narrar os acontecimentos, leva ao leitor a impressão de que seus textos são menos marcados ideologicamente. Trata-se de uma tentativa de negar a liberdade de o leitor se perguntar se o texto lido tem base fundada em alguma ideologia, e ainda mais se o texto lido manipulou de algum modo o seu pensamento. A “cegueira” provocada pela manipulação acontece porque o leitor se encontra inteiramente assujeitado ao discurso da mídia. Para sustentar as hipóteses acima mencionadas, serão selecionados alguns exemplos da análise comparativa de 4 revistas, duas brasileiras (“Veja” e “Isto é”) e duas croatas (“Nacional” e “Globus”), no período entre 2007 e 2010. Esses exemplos serão usados não só para mostrar que o discurso midiático possui elementos ideológicos e manipulativos, mas também para salientar o fato que em diferentes países existem diferentes discursos midiáticos.

Palavras-chave: mídia; crise; discurso.

De aperitivos a prato principal: a utilização de livros de difusão em textos acadêmicos

Enio SUGYIAMA JR.

Nos últimos anos, observa-se uma tendência cada vez maior de produzir livros cujo principal objetivo é apresentar uma área de conhecimento ou autor para aqueles que estão iniciando seus estudos. Tais livros são entendidos, neste trabalho, como aperitivos: uma forma mais simples de inserção na produção do conhecimento por meio da compilação de informações julgadas essenciais em uma linguagem supostamente mais simples. Outra característica desses materiais é a apresentação de um roteiro de estudos que permitiria ao interessado um aprofundamento do tema abordado. No entanto, é possível observar que os livros de difusão vêm ocupando o espaço dos livros fundadores das áreas em dois lugares distintos: a) nas prateleiras de bibliotecas e b) nas dissertações e teses produzidas nas universidades. O presente trabalho se dedica à descrição das

formas de apropriação desses livros em dissertações e teses, buscando analisar as implicações do uso de livros de difusão para a produção de conhecimento na universidade. A análise do *corpus* destacou os modos de citação e paráfrase dos livros de difusão nos textos acadêmicos e, ainda, os procedimentos de análise realizados nos trabalhos acadêmicos como forma de salientar a relação daquele que escreve com o conhecimento e suas fontes.

Palavras-chave: produção do conhecimento; livros; apropriação de conceitos.

11h00 - O que se espera do inesperado?

Meggie sentiu novamente o medo abrir suas asas negras dentro dela. Ele não vinha do que Dedo Empoeirado dizia, vinha do que ele não dizia. (*op.cit.*: 96)

Representações imaginárias de produção do conhecimento

Sulemi FABIANO

Esta pesquisa é fruto das investigações realizadas no *Grupo de Estudos e Pesquisa Produção Escrita e Psicanálise - GEPPEP* da Faculdade de Educação da USP e no *Grupo de Pesquisa Escrita e Singularidade - ESSI* do Departamento de Letras da UFRN. A questão que norteia a pesquisa é: como um aluno em formação ao se apropriar de uma teoria utiliza os conectores para dar a ver sua inserção em uma área do conhecimento? Temos como objetivos: a) investigar como o aluno vai se apropriando da escrita do texto acadêmico por meio do uso dos conectores; b) observar a recorrência ao discurso “do outro” como instância apelativa da responsabilidade enunciativa; e c) investigar a relação estabelecida entre o sujeito e o conhecimento. Tomamos como objeto de estudo textos produzidos por alunos iniciantes da disciplina de *Leitura e Produção de Textos*, e relatórios produzidos por alunos concluintes, na disciplina *Estágio Supervisionado de Formação de Professores*, do curso de Letras de uma instituição pública. Entendemos ser a apropriação de conhecimento a possibilidade de o sujeito poder operar sobre e com a linguagem de modo singular, através da mobilização de elementos linguístico-discursivos que acabam por produzir marcas que caracterizam tentativas de produção de conhecimento. Trata-se de um modo de poder

estabelecer relação entre a produção escrita realizada na universidade, permitindo que se estabeleça uma dimensão subjetiva/singular daquele que escreveu com seu escrito. Defendemos, neste trabalho, a hipótese de que a formação de um aluno tem de permitir que ele transcenda representações imaginárias de produção do conhecimento, tais como o uso de conectores nas remissões do discurso do “outro” entre os parágrafos, como um recurso do “recorta e cola”.

Palavras-chave: escrita acadêmica; conectores; apropriação de conhecimento.

O novo não tão novo assim

Maria Dolores Wirts BRAGA

Este estudo mobiliza conceitos da psicanálise lacaniana e da análise do discurso, como fora concebida por Michel Pêcheux. As análises aqui empreendidas fazem parte da pesquisa para doutoramento, que investiga o discurso sobre o livro didático de língua inglesa. Essa pesquisa procura responder, entre outros questionamentos, quais representações são construídas em torno do livro didático de inglês, fazendo com que ele funcione socialmente como uma verdade. Acreditamos que o poder e a verdade que muitas vezes são atribuídos ao livro didático sejam, em boa parte, construídos nos discursos sobre o livro didático. Ou seja, os aspectos que o fazem funcionar como um discurso de verdade, como por exemplo seus efeitos de transparência e seu caráter homogeneizante, cuja instauração é muitas vezes atribuída apenas à autoria, corroboram um processo instaurado, mobilizado e mantido pelo discurso sobre o livro didático. Para o presente trabalho, analisaremos um recorte do *corpus*, com as respostas de professores de inglês da rede pública de ensino ao questionário que se propôs a investigar as representações imaginárias desses professores em relação ao livro didático de inglês. Uma vez que esse material só será adotado a partir de 2011, as respostas dos professores foram construídas a partir das representações que habitam seus imaginários. Em outros termos, a análise de suas respostas nos permitirá observar o que esses professores esperam do inesperado.

Palavras-chave: representação imaginária, livro didático, discurso de verdade.

Mosaico de texto: espelho de palavras, movimentos e sentidos

Janaina OLIVEIRA SILVA

Neste trabalho buscamos compreender o texto publicitário impresso, levando em consideração alguns pontos que caracterizam esse tipo de texto, e, conseqüentemente, seu discurso inerente. A análise nos permite afirmar que os textos publicitários são formulados linguisticamente de modo a agir como emanador de sugestões para quem o lê, com a finalidade de induzir um sujeito a efetivar determinados fazeres, o mais evidente, o mercadológico. Desse modo, quando firmada a compra, é evidenciado haver deslocamento do sujeito de uma posição-estática (ou seja, daquele que apenas é potencial consumidor) para a posição-movimento (isto é, que fixa o sujeito não mais como potencial, mas como consumidor de fato). Pretendemos discutir esse movimento característico do discurso publicitário elucidando-o pela observação de alguns elementos concernentes à construção discursiva (que passa pela língua, realidade sóciohistórica e situação político-econômica), assim como pelo manejo daquilo que se supõe ser projeção imaginária do/no sujeito. Por conseguinte, podemos verificar que o discurso publicitário estabelece-se como elo que intermedia o sujeito com o produto ou serviço ofertado e figurado no texto. Nesse sentido, quando o sujeito contemporâneo coloca-se como consumidor, admitimos a ideia de que ele pensa ver nos produtos suas reais necessidades e seus reais anseios de modo a encontrar neles a possibilidade de se sentir completo. Isso nos leva a afirmar que o sujeito pensa ser dono de si em tal situação, contudo, a nosso ver, parece-nos que se porta como imóvel cativo, quando seria muito mais produtivo a ele voltar seu olhar às suas decisões tomadas para tentar manifestar-se não pela ilusão dos caminhos sinuosos da efemeridade, mas pelo enveredamento contínuo de sua particularidade. E se aceitamos que sujeito vive em sociedade, independentemente da decisão resolvida, ela liga-se à responsabilidade que ele tem com o coletivo, já que o ato refletirá no modo como se vê e vê ao mundo. Assim, esperamos discutir como essa prática discursiva interpela os sujeitos na contemporaneidade, de modo a tentar depreender como os sentidos discursivos do texto publicitário incutem no produto acepções que vão além da materialidade do objeto e que culminam na atenção de um leitor, levando-o a se tornar consumidor.

Palavras-chave: escrita; texto publicitário; imagem discursiva.

O espelho que nos deturpa: a pesquisa dos discursos da mídia sobre educação, entre o encantamento e o desejo de se diferenciar

Kátia ZANVETTOR

Tal qual Elinor, personagem de Cornélia Funke em *Coração de Tinta*, que se encanta com as histórias de castelos, amantes decapitados, príncipes emparedados, e que surpreende a protagonista por preferir as *histórias mais escabrosas* (op.cit.: 97), também o discurso da mídia pode nos atrair pelo sensacionalismo. Este castelo do nosso tempo, tão bem organizado com seus aparatos de controle das informações, seus mecanismos de difusão das mensagens, e sua capacidade de agendamento dos temas sociais, pode provocar uma certa sensação de encantamento, não só pelo poder que exerce, mas principalmente pela eficiência com qual consegue atingir seus objetivos. Este trabalho é uma proposta de reflexão sobre nosso próprio percurso de pesquisa, no qual procuramos investigar os discursos sobre o ser professor nos meios de comunicação, e as dificuldades que passamos para enfrentar o medo de derrubar castelos tão bem construídos. Questionamos até que ponto essa dificuldade em enfrentar o material empírico, ou seja, produzir a análise dos textos jornalísticos, não é também expressão de uma singularidade, e que demonstra que a mídia – com seus discursos e valores – também se manifesta na constituição do sujeito e pode interferir nas análises do pesquisador. Com base nesta experiência, e olhando os manuscritos de análise da mídia produzidos ao longo da nossa trajetória, propomos refletir sobre esta subjetividade presente nas análises do discurso da mídia, tomando como fio condutor a psicanálise com orientação lacaniana.

Palavras-chave: subjetividade, discurso da mídia, análise empírica.

14h30 – Há beleza na burocracia?

Meggie havia imaginado de forma totalmente diferente o lugar onde Capricórnio morava. Beleza e medo são difíceis de conciliar. (op.cit.:103)

A emergência do sujeito na escrita do texto acadêmico

Daniela Aparecida EUFRÁSIO

Neste trabalho, proponho apresentar estudo e reflexão sobre o ato da escrita do texto acadêmico a partir dos seguintes eixos: “coerções do discurso” e “emergência do sujeito”. A partir das estruturas de discurso formalizadas por Lacan, quais sejam: Discurso do Senhor, Discurso da Histórica, Discurso do Analista e Discurso Universitário (**Seminário 20**, 1985), propomos pela leitura de Foucault (**A ordem do discurso**, 2004), da qual mobilizamos o conceito de “comentário”, analisar a produção do discurso científico no que diz respeito a qual seria o lugar do sujeito da Psicanálise, sobretudo de orientação lacaniana. Considerando isso, procuro analisar como se dão as relações entre sujeito, poder e verdade, a fim de verificar como tais relações emergem na produção do texto acadêmico. Para realizar esta reflexão, procurarei debater os elementos que apontam para as “políticas de verdade” que se consolidam historicamente e os “efeitos de poder” que são legitimados. Tomando como pressuposto que, pela produção escrita, a subjetividade daquele que se propõe a escrever venha a emergir, provocando certas rupturas, voltamos para a concepção de discurso lacaniano (**Seminário 17**, 1969), com o intuito de refletir sobre como os lugares da “verdade” e da “produção” configuram-se nas estruturas de discurso postuladas pela Psicanálise lacaniana e de que modo isso traz um aporte importante para se pensar sobre os posicionamentos tomados por aquele que escreve e os modos como isso se relaciona a certas coerções da produção discursiva, constituídas social e historicamente.

Palavras-chave: discurso; coerções do discurso; produção do texto acadêmico.

A escuridão da escrita

Kelly Gomes de OLIVEIRA

As intervenções de outro, no caso o orientador, tendem a ser vistas pelo jovem pesquisador como uma simples alteração de forma no texto. Contudo, defendo que – quando intervém no texto – o orientador é o responsável por inserir o jovem pesquisador em outra relação com o próprio escrito. E não apenas é representante da burocracia universitária. Nesse sentido, este trabalho visa a discutir em que medida, ao longo

do processo de escrita acadêmica, essas intervenções podem alterar o 'laço social' daquele que escreve com os discursos que o cercam. Melhor dizendo, o orientador teria o papel de fazer o jovem mudar de posição na estrutura que Lacan propõe para os discursos (agente, outro, verdade e produção). É nesse sentido que afirmo que uma intervenção, que pode ser vista como o horror – a 'dor' de ter o texto completamente reorientado – (que consta na epígrafe da mesa) pode resultar em belos (também retirado da epígrafe) movimentos por parte daquele que escreve sobre os discursos que o cercam; e que podem ser verificados em trechos de versões de seu texto. Para realizar essa reflexão nesta mesa, utilizarei exemplos de três versões do primeiro projeto de iniciação científica: a primeira versão é o texto anterior à primeira reunião com o orientador; a segunda, é o texto resultado das sugestões dessa primeira reunião; e a terceira versão é uma quinta versão do projeto. Assim, ao se lançar na escura estrada que é a refação de seu texto – como Meggie o fez em busca do seqüestrador de seu pai – aquele que se põe a reescrever seu texto, transmuda também sua relação com aquele dizer ao qual estava implicado. Nesse ponto, então, se pode afirmar que para além do horror há uma beleza na escrita que se desvela no fazer.

Palavras-chave: escrita, outro, laço discursivo.

Da tarefa à singularidade: a atividade epilinguística

Andressa Cristina Coutinho BARBOZA

O objetivo desta comunicação é dar a ver como a criança consegue elaborar saídas criativas quando solicitada a realizar uma tarefa bem delimitada, semelhante a uma atividade didática. O dado em análise é a transcrição de uma interação dialógica, na qual o pesquisador solicita que uma criança de cinco anos realize o relato de uma história apenas ilustrada. Partimos do pressuposto que o adulto possui papel fundamental em relação à entrada da criança no registro simbólico e lançamos a hipótese de que a produção criativa ganha espaço nos momentos em que a criança reflete sobre seus próprios enunciados, comparando-os, e a partir disso, modifica-os ou não. Isso teria como objetivo, para ela, ajustar o sentido de suas interpretações diante das demandas da interação dialógica com o pesquisador. Analisamos a intervenção com base no Discurso Universitário, como proposto por Lacan em *Seminário, livro 17* (1969-1970), a fim de

entender como o produto da relação entre adulto e criança é estabelecido por meio de um laço social que visa à reprodução de saberes.

Palavras-chave: simbólico; discursos lacanianos; atividade epilinguística.

A beleza da burocracia: questionando os saberes legitimados de uma formação universitária

Mariana Aparecida de Oliveira RIBEIRO

Nesta apresentação pretendemos responder afirmativamente a questão proposta pela mesa "Há beleza na burocracia?". Mais precisamente, propomos mostrar como um sujeito, ao lidar com a burocracia, com as exigências necessárias para que sua formação universitária se realize, pode não só se submeter a essas exigências, mas produzir a partir delas algo pelo qual possa se responsabilizar. Desse modo, sustentamos que a beleza que existe na burocracia aparece quando alguém, ao se formar, consegue utilizar os saberes aprendidos durante sua formação para questionar sua prática docente e os próprios saberes adquiridos. Para tanto, tomaremos como *corpus* as diversas versões de uma tese de doutorado (do projeto de entrada no doutorado à versão final da tese), produzidas por uma mesma pesquisadora - uma professora de língua estrangeira de uma universidade pública que obteve sua titulação em lingüística aplicada. Recorreremos aos conceitos lacanianos de discurso e de real para mostrar como, na escrita das diferentes versões do seu texto, esta informante questiona os saberes linguísticos já legitimados por sua área de pesquisa, e por isto torna possível não só questionar sua atuação profissional, mas modificá-la. Isso se dá quando, ao se deparar com a incompletude do saber ao qual foi submetida, a pesquisadora assume uma atitude responsiva e consegue ir além da discursividade que a formou.

Palavras-chave: formação universitária, saberes linguísticos, prática docente.

As desordens do sujeito face à ordem dos gêneros acadêmicos

Thomas Massao FAIRCHILD

O método morelliano, à maneira da psicanálise, pressupõe que a autoria de uma obra de arte podia ser mais facilmente detectada pelos traços que o

autor menos se preocupava em ordenar. Nesta comunicação, exploro a forma como “ordem” e “desordem” aparecem em textos acadêmicos produzidos por alunos da graduação e pós-graduação em Letras com base no mesmo princípio. Parto do pressuposto de que, se nem toda “desordem” do texto é sinal de subjetivação da escrita, todo processo de escrita em que o sujeito se manifesta conduz, necessariamente, a momentos de desorganização (momentânea) do texto. Interessa-me, em particular, como essa desorganização vem sendo *evitada* nos processos de produção de textos na universidade, por meio da eleição de modelos “ordenados” que privilegiam: a) a obediência a obras que formulam a constituição dos “gêneros acadêmicos” sob a ótica de uma descrição formal do produto final do trabalho de pesquisa; e b) as estratégias de incorporação da escrita do outro (autor de referência, professor ou orientador) no texto do aluno. Para tanto, utilizo como dados: a) obras que circulam no meio universitário destinadas ao ensino da escrita acadêmica; e b) textos produzidos por estudantes universitários, lidos em sua versão final ou em versões intermediárias do processo de escrita. As características encontradas nesses textos são consideradas à luz de uma reflexão sobre os movimentos pelos quais se poderia esperar que o sujeito passasse em um processo de formação universitária e de produção de conhecimento, tomando-se por base o modelo da teoria dos discursos de Lacan e assumindo-se a hipótese de que os pontos em torno dos quais um texto se “desordena” em seu processo de escrita podem representar as intermitências do sujeito que possibilitam o giro dos significantes na escrita dos discursos.

Palavras-chave: escrita; gêneros acadêmicos; formação de professores.

16h30 – Qual a utilidade das mentiras que a gente se conta?

Por que os adultos achavam que as crianças suportavam melhor os segredos do que a verdade? Será que não faziam idéia das histórias tenebrosas que elas inventam para explicar os mistérios?
(*op.cit.*:122)

O orientador e o “desejo do analista”: supondo (ou não) saber no aluno

Débora BAGHIN-SPINELLI

Para compreender mais profundamente a relação de orientação na universidade e investigar seus efeitos para a formação do pesquisador, venho analisando o percurso de escrita de um jovem mestrando da área de humanidades, que durante os anos de 2005 e 2008 foi orientado por duas professoras: a primeira, de 2005 a 2007, quando foi reprovado no exame de qualificação; e a segunda, de agosto de 2007 a abril de 2008, quando obteve êxito, tanto na qualificação, como na defesa da dissertação. A análise de manuscritos produzidos pelo aluno nesse período – ou seja, versões de seus trabalhos acadêmicos, de capítulos da dissertação, entre outros – e de intervenções escritas feitas pelas professoras nesse material, possibilitaram-me observar que o modo como cada uma interveio na produção do aluno durante o processo de orientação produziu efeitos diretos para a sua formação, influenciando o modo como o jovem se posicionou frente ao seu trabalho investigativo e, conseqüentemente, frente à sua produção escrita. Dentre as muitas diferenças observadas, a fundamental, que pretendo tratar nesta apresentação, deu-se com respeito à posição ocupada por cada uma frente ao saber suposto no aluno – o que contribuiu fortemente para o fracasso da primeira relação de orientação e para o êxito da segunda. Valendo-me de exemplos de intervenções escritas dessas professoras durante o período de orientação do aluno, pretendo mostrar como essa diferença se deu e discutir os seus efeitos para o percurso de formação do jovem e para o seu trabalho de escrita no mestrado. Faço isso por um viés psicanalítico, concebendo a relação de orientação enquanto lócus fértil para a manifestação do laço transferencial, e partindo do conceito de *desejo do analista* (Lacan, 1964) para interpretar tal posição.

Palavras-chave: formação do pesquisador; transferência; desejo do analista.

Ensinar a reescrever (se): o manejo do orientador no ensino da escrita acadêmica

Emari ANDRADE

Ao ingressar em um processo de pesquisa, frente à lida com os dados e com o próprio ato de escrever, é inevitável o pesquisador deparar-se com o medo, que muitas vezes o paralisa. Com o objetivo de compreender o processo de ensino da escrita acadêmica para alunos com pouca experiência nessa modalidade de escrita, este trabalho estudará o manejo de um orientador de mestrado nas intervenções feitas nos textos de uma de suas orientandas. O *corpus* analisado faz parte dos manuscritos que compõem o banco de dados do projeto *Movimentos do Escrito*. A partir do cotejamento de versões do trabalho produzido pela aluna, a análise incidirá nos momentos nos quais o orientador, diante de um texto cuja formulação textual estava distante daquela considerada aceita na academia, intervém no texto da aluna de modo a levá-la a se desvencilhar das certezas previamente construídas e a buscar novas possibilidades de formulação, reescrevendo o texto e reescrevendo-se como pesquisadora. Nosso referencial teórico é o conceito de manejo da transferência tal qual compreendido pela psicanálise de orientação lacaniana. Entendemos que tanto no contexto analítico, como no de formação do pesquisador, o manejo da transferência serve para tirar o sujeito das amarras da realidade empírica, permitindo-lhe reconstruir uma outra história.

Palavras-chave: ensino da escrita; manejo da transferência; formação do pesquisador.

O manejo do orientador em um processo de escrita

Lisiane FACHINETTO

O acompanhamento do processo de escrita, por parte do professor orientador, de um trabalho acadêmico de final de curso pelo formando requer uma estratégia particularizada. Entendemos que, para ser bem sucedido na montagem e na sustentação da referida estratégia, o orientador precisa não só estar atendo aos aspectos técnicos da orientação, bem como considerar o laço que se estabelece entre ele e seu orientando. Na realização de nossa pesquisa, partimos do pressuposto de que a qualidade desta relação tem efeitos na produção

do texto acadêmico. Mais especificamente, estamos atentos a uma parcela do laço que, na psicanálise, é entendido como transferência, considerada por Lacan enquanto uma atualização da realidade sexual do inconsciente. No âmbito da clínica, a transferência é a via pela qual o tratamento analítico acontece, pois, a partir de seu esgotamento, o analisando pode abandonar aspectos de seu psiquismo que atrapalham a sua vida. A transferência é, portanto, uma mentira útil que o analisando se conta para poder se tratar por meio da palavra. Em nossa contribuição para este *Workshop do GEPPEP*, pretendemos trabalhar um aspecto do processo de orientação que pode corroborar para a construção da passagem do medo ao entusiasmo. Assim, perguntamos: no processo de escrita, o manejo do orientador pode levar o aluno a trabalhar as questões que se atravessam no ato de escrever? Por meio da análise da prática de um processo de orientação, pretendemos mostrar a correlação entre as intervenções/manejo por parte do orientador e seus efeitos no trabalho de escrita do aluno. O *corpus* analisado faz parte do banco de dados do projeto *Movimentos do Escrito*, e é composto de manuscritos de um aluno de pós-graduação de uma instituição particular. Considerando que o manejo pode auxiliar o orientando a produzir uma escrita criativa, desejamos demonstrar uma hipótese de que a intervenção do professor/orientador pode provocar uma mudança no laço social, um giro discursivo por meio do qual a posição enunciativa do orientando se altera.

Palavras-chave: ensino; transferência; escrita acadêmica.

Das verdades que o sujeito esconde de si: os efeitos das intervenções do orientador na escrita do jovem pesquisador

Suelen Gregatti da IGREJA

O objetivo deste trabalho é investigar os modos como um sujeito altera sua escrita e seu posicionamento diante dela, à medida em que reescreve as versões de texto que produz. Trata-se de um escrito que, para além de ter sido aprovado institucionalmente por uma banca, permita a produção de um saber que estrapole as amarras dos conhecimentos previamente produzidos. Mais especificamente, interessa aqui investigar quais os efeitos das intervenções feitas pelo orientador nas versões produzidas por seu aluno, ao longo da

escrita de uma dissertação de mestrado. Interrogamos, então: quando o orientador faz marcas escritas (tais como comentários, sugestões e estranhamentos) em partes do texto de seu aluno, como este dá (ou não) consequência aos apontamentos daquele? Para responder a esta pergunta, tomamos como *corpus* manuscritos produzidos por uma aluna de mestrado (2006-2008), que aqui nomearemos Louise para preservar sua identidade, as quais integram o banco de dados do projeto coletivo *Movimentos do Escrito*. Por meio do cotejamento de versões do trabalho produzido pela aluna, analisamos basicamente três possibilidades de movimento no seu escrito, a partir de apontamentos feitos pelo orientador: 1) ela altera o texto, conforme indicado; 2) ela exclui do texto a parte marcada; e 3) ela exclui do texto a parte marcada, mas em versão posterior vem a reescrevê-la. Interessa, portanto, investigar as materializações do laço transferencial, entendido a partir da psicanálise lacaniana, que podem ser apreendidas das ações que a aluna se dispôs (ou não) a realizar a partir das orientações recebidas.

Palavras-chave: escrita; transferência; formação do pesquisador.

Sexta-Feira, 22 de Outubro

09h00 – O que se prepara na panela que as letras tampam?

Talvez atrás da história impressa haja uma outra, muito maior, que se modifica como acontece no nosso mundo. E talvez as letras não nos revelem mais do que aquilo que vemos quando espiamos pelo buraco de uma fechadura. Talvez elas sejam somente a tampa de uma panela que contém muitas coisas além das que podemos ler. (*op.cit.*: 151)

A história que se escreve na e para a aquisição da escrita

Andreza Roberta ROCHA

Quais ações de alunos, de professores e de pais envolvidos no processo de aquisição da língua escrita estariam relacionadas a um maior ou menor avanço dos alunos com relação à alfabetização? Com vistas a responder a essa pergunta, o presente estudo examina registros produzidos por dois alunos do 1º ano do Ensino Fundamental em cadernos utilizados em sala de aula no decorrer do ano letivo e entrevistas com pessoas envolvidas no

processo de ensino-aprendizagem da língua materna dos informantes. Na análise de tais elementos foram mobilizados os conceitos de: i) dessimbolização (DUFOUR:2005), ii) de inconsciente e iii) e de pulsão, na tentativa de identificar e de descrever as ações exercidas pelos informantes que se apresentaram como “pontos de virada” (momentos nos quais a criança apresentou uma evolução significativa no processo de aprendizagem) no processo de alfabetização. Finalmente, por meio da observação das rasuras, dos comentários escritos pela professora responsável pela turma, entre outras marcas presentes no *corpus*, realizou-se a tentativa de apreender os bastidores do momento analisado do processo de aquisição da escrita dos informantes, bem como de estabelecer relações entre a posição com relação à escrita exercida pelos adultos envolvidos no processo e sua(s) possível(is) influência(s) na alfabetização das crianças.

Palavras-chave: aquisição da língua escrita; inconsciente; pulsão.

Percurso criativo na escrita de Mário de Andrade e ensino da escrita na escola

Valéria Pereira VELOSA

Esse estudo incide sobre dois eixos de investigação no trabalho com a escrita: o do escritor literário, que é proficiente nessa atividade, e o do ensino da escrita para adolescentes. A partir dessas duas instâncias de utilização da língua, nos colocamos a seguinte questão: por meio da análise dos recursos utilizados por um escritor profissional para criar, é possível compreender melhor o que um professor de língua portuguesa deve fazer para ensinar a escrever? Para buscar respostas a essa indagação, nos apoiamos na psicanálise de orientação lacaniana, principalmente nos conceitos de inconsciente e pulsão. O primeiro tem papel fundamental no aparecimento da subjetividade na escrita e o segundo possibilita o próprio ato de escrever, por meio da sublimação. Dessa forma, compreendemos a escrita como uma manifestação da singularidade do sujeito, e não como uma simples adequação a modelos pré-estabelecidos. O *corpus* de análise selecionado é composto por manuscritos do conto *Primeiro de Maio*, de Mário de Andrade, disponíveis no acervo do IEB/USP. Procuramos nas marcas deixadas pelo autor em seu texto, como rasuras, acréscimos, substituições, entre outras, o seu percurso de escrita, o seu estilo.

O foco principal do trabalho é descrever os recursos dos quais o autor se utiliza para organizar as condições de produção de seu conto. Em seguida pretendemos correlacionar os recursos descritos com o ensino da escrita em Língua Portuguesa, de modo a começar a repensar o que é a escrita e como esta deve ser ensinada, para que o aluno possa ter a oportunidade de ver a escrita como um caminho para expressar a sua subjetividade.

Palavras-chave: Mário de Andrade; escrita; ensino.

O aluno ideal em programas de ensino de língua portuguesa: uma panela que esconde o vazio

Diego Navarro de BARROS

O presente trabalho é um estudo de caso realizado a partir da análise de dois programas de ensino referentes a disciplinas que trabalham a formação do professor de língua portuguesa. Partimos da pergunta: como, e através de quais mecanismos lingüístico-discursivos, é construída a imagem de aluno ideal nos programas das disciplinas de estágio e prática de ensino de língua portuguesa? Os dados que compõem nosso *corpus* fazem parte do banco de dados do projeto de cooperação acadêmica (PROCAD): *Disciplinas da licenciatura voltadas para o ensino de Língua Portuguesa*. O objetivo do trabalho é demonstrar que a construção dessa imagem de aluno ideal feita nos programas de ensino está relacionada com a identificação de um outro super idealizado e muito genérico, que por isso acaba vazio de significado. Para empreendermos tal análise tomamos como referência o conceito de identificação criado por (FREUD, 1921) e desenvolvido por (LACAN, 1961-1962), além de contarmos também com a contribuição dos estudos sobre modalização lingüística (POTTIER, 1978). Através desta análise procuramos contribuir com a construção da resposta referente à pergunta que norteia nossa mesa de debate: “*O que se prepara na panela que as letras tampam?*”, apontando nos programas de ensino como a construção de um texto oficial, que tem o valor de documento, pode esconder na sua estrutura textual uma “panela” oca de significado.

Palavras-chave: identificação; modalização; programas de ensino.

O ideal de professor segundo o reuni

Marcelo Roberto DIAS

Esse trabalho incide sobre o ideal de professor que se pode depreender a partir da análise de documentos oficiais do REUNI, Programa de Reestruturação das Universidades Federais que possibilita a ampliação dessas instituições de ensino através de financiamentos governamentais, disponíveis no banco de dados do projeto PROCAD *Disciplinas de Licenciatura Ligadas a Formação do Professor*. O documento em questão é uma proposta a professores de uma determinada instituição de ensino superior do estado de Minas Gerais, feita por professores dessa mesma universidade, propondo uma conduta de modelo idealizado de docente. Haja vista a quantidade de materiais e manuais sobre o texto acadêmico que pressupõe um padrão e modelo de texto produzido e circulado na universidade e para a universidade, com características delineadas como objetividade, racionalismo e distanciamento afetivo, investiga-se alguns momentos do documento REUNI em que se pode constatar um discurso emotivo e passional que nos permite questionar quais elementos se pode constatar do professor ideal segundo esse texto oficial. O campo teórico que embasa a pesquisa é a psicanálise de orientação lacaniana, recorreremos aos seus conceitos de identificação do sujeito e imaginário.

Palavras-chave: ideal; professor; documento oficial.

11h00 – A que deuses obscuros sacrificamos nossos sonhos?

Como foi dito de forma tão acertada num livro maravilhoso, “é terrivelmente fácil convencer uma criança de que ela é detestável”. Basta estava convencido disso. Não que você o tenha feito mudar de opinião, não! Por que o faria? Mas de repente havia alguém a quem ele podia se afeiçoar, alguém que lhe dizia o que devia fazer... ele encontrou um deus, Capricórnio, e mesmo que você o trate mal... bem, quem disse que todos os deuses são bondosos? (op.cit.: 340)

O discurso do capitalista e a produção de sujeitos no laço social

Maria de Lourdes Faria dos Santos
PANIAGO

Quem disse que todos os deuses são bondosos? Essa é uma das reflexões que Cornélia Funke apresenta ao leitor de *Coração de tinta*, no momento em que narra os sentimentos de afeição que Basta nutre por Capricórnio, apesar de este o tratar mal. Este trabalho pretende refletir sobre o papel da mídia impressa na produção de sujeitos femininos na atualidade. Tomar-se-ão como embasamento teórico principalmente alguns escritos de Freud (“Psicologia de grupo e análise do ego”, “O mal estar da civilização” e “Totem e Tabu”) e de Lacan (“Seminário 17” e “O discurso capitalista – discurso na Universidade de Milão”). Considera-se essencialmente a possibilidade de a mídia impressa (especificamente revistas dirigidas ao público feminino), ao criar uma nova economia de desejos, contribuir para a fabricação de novas subjetividades. Ou seja, este trabalho parte da hipótese de que os discursos midiáticos buscam moldar o corpo da mulher na tentativa de construir uma determinada identidade feminina. Dessa forma, busca-se compreender a mídia como produtora de identidades sociais, por meio da análise dos discursos que são por ela veiculados, não apenas os verbais, mas principalmente os imagéticos, por se acreditar que a análise desses textos trará muitas contribuições a quem pretenda responder à questão: a que deuses obscuros sacrificamos nossos desejos?

Palavras-chave: identificação; discurso do capitalista; mídia.

O conhecimento *per si* e para si: invocação e epílogo no gênero científico

Ivan M. F. LEICHSENDRING

Já são de senso comum as afirmativas de que estamos na “Era da Informação” e, por assim dizer, na era da “Democracia do Conhecimento”. No entanto, se avaliarmos mais de perto tais declarações, é possível ver que na verdade o abuso de informação produzida diariamente nos tem conduzido há um novo tipo de alienação: por excesso de saberes. A nosso ver isto acontece porque não damos conta de absorver seu imenso acúmulo, pois que esses saberes são fabricados e

depositados todos os dias no interior da sociedade de livre mercado. Além disso, precisaríamos, neste caso, saber selecionar o que seria ou não conhecimento em tanta informação, até porque sabemos, a usarmos de um dito popular bastante conhecido, que “quantidade não quer dizer qualidade”. Partindo desta hipótese, tentaremos demonstrar por meio da análise da construção de conhecimento e produção de artigos em periódicos científicos, como é que este mesmo conhecimento usado como informação está conduzindo a atual Ciência a um marasmo científico. Para tal estudo, pretendemos responder por meio de uma leitura da personagem Capricórnio, do livro *Coração de tinta*, de Cornélia Funke (2006), e assim contemplar o mote proposto a essa mesa, “A que deuses obscuros sacrificamos nossos sonhos?”.

Palavras-chave: alienação e conformação; produção e consumo; conhecimento alienado.

Adoção de modelos de escrita como exercício de pirotecnia

Rodrigo Moura Lima de ARAGÃO

Em *Coração de tinta*, Cornélia Funke apresenta aos leitores o curioso Dedo Empoeirado, personagem que possui um exímio controle sobre o fogo. Nesta apresentação, serão discutidos modelos para um tipo de produção escrita específico, o artigo científico, fazendo-se uma analogia entre aquele que tem domínio sobre o fogo e aquele que tem domínio sobre os modelos de escrita. Por um lado, a adoção de um dado modelo de escrita pode ser tão útil e eficaz quanto é o uso inteligente do fogo. Por outro, o emprego cego de modelos pode ser tão desastroso quanto é o ato de acender chamas de maneira inconseqüente. Duas situações em particular evidenciam o quão perigoso pode ser o emprego cego de modelos: 1) a adoção de modelos sem levar em consideração o meio no qual se espera que o texto circule; 2) a adoção de modelos desconsiderando especificidades de conteúdo. Essas duas situações serão objeto de análise tendo-se por base dados sobre modelos para artigos científicos (dados provenientes de pesquisa de mestrado que vem sendo desenvolvida na USP com o apoio da FAPESP) e exemplos extraídos da prática do membro da mesa como autor e parecerista de artigos científicos. A análise e a discussão propostas retomarão ainda idéias de autores como Bakhtin e Volochinov (*Os gêneros do discurso*, *Marxismo e filosofia da linguagem*) e Freud (*Psicologia de grupo e a análise do ego*), em

uma tentativa de responder à questão “A que deuses obscuros sacrificamos nossos sonhos?”.

Palavras-chave: modelos de estruturação do artigo científico; escrita científica; modelo IMRD.

14h30 – Quem escreve sabe que é mortal?

E então Fenoglio começou a escrever... e a riscar... e a escrever de novo, enquanto lá fora o sol declinava cada vez mais, até que seus raios enfeitaram o cimo das colinas com uma cerca de ouro. (*op.cit.*: 476)

A interpretação da escrita do nome próprio pela criança de 3 anos

Claudia M^a B. de ALENCAR

As atividades de reconhecimento e escrita do nome próprio são amplamente utilizadas na educação infantil. No início do processo de alfabetização, embora as crianças construam suas hipóteses sobre modo de funcionamento do sistema de escrita alfabético, as grafias não se apresentam de acordo com o padrão convencional. O presente trabalho é um recorte da pesquisa que realizo no mestrado, na qual visio a responder à seguinte pergunta: de que maneira as crianças pequenas interpretam as marcas gráficas que produzem, intencional ou acidentalmente, ao serem solicitadas para escrever seu nome próprio? Trata-se de um estudo que investiga os modos de construção dos passos iniciais do processo de simbolização, tendo como foco a escrita do nome próprio. Para tanto, na pesquisa foram selecionados quatro sujeitos com idade de três anos, que frequentavam uma escola pública de educação infantil, no interior do estado de São Paulo. Os informantes foram gravados em vídeo durante o ano de 2009, na realização de uma mesma atividade: a escrita do nome próprio. O *corpus* da dissertação de mestrado é composto pela reprodução gráfica da escrita das crianças e pela transcrição de suas falas. Parto do pressuposto de que, ao interpretar a sua própria escrita, a criança revela o percurso que atravessa para a compreensão da escrita alfabética. Neste trabalho, mais especificamente, analisarei fragmentos de quatro gravações realizadas com um dos informantes, do sexo masculino, procurando descrever como ele se utiliza do que sabe para corresponder ao que lhe foi solicitado. Os movimentos do seu escrito e a interpretação feita por ele sobre o que escreveu, podem levar à compreensão do processo pessoal de construção

simbólica. O campo teórico que embasa a pesquisa é a psicanálise de orientação lacaniana, a partir da concepção de sujeito como efeito da linguagem.

Palavras-chave: psicanálise; escrita; processo de simbolização.

Escrita: uma formação de compromisso entre sentido e significado

Marisa Assunção TEIXEIRA

Esta reflexão tem por objetivo problematizar dois aspectos que se colocam como frente e verso no processo de aquisição da escrita alfabética: 1º) os movimentos que uma criança ensaia na sua lida com a língua e que oferece as bases para aprender a escrever; 2º) o trabalho do professor na direção de acolher esses movimentos e torná-los operacionais, abrindo possibilidades para que a criança se expresse dentro do código alfabético. O interesse por abordar esses dois aspectos, de forma entrelaçada, vem da observação empírica da interação de um professor com uma criança que não se comunica oralmente e não domina o registro do código da língua. Por não verbalizar e não se exprimir graficamente, nem mesmo por desenhos, os professores ficavam em dúvida se o menino entendia idéias, instruções e se interpretava o contexto circundante. Minha hipótese é a de que os professores consideram como escrita o registro de pensamentos conscientes e racionais e que, portanto, o seu ensino está ligado a uma metodologia. Em contrapartida, tomo a abordagem da escrita na psicanálise lacaniana, em seus dois tempos: como um fazer invisível que dá suporte ao pensamento e como precipitação do significante, tempos esses que serão analisados a partir de um fragmento de transcrição de vídeo. Assim, procuro responder a dúvida dos professores, argumentando que, na acepção da psicanálise, a criança fala e escreve. Também conjecturo que o trabalho do professor está relacionado com a possibilidade de articular o saber da criança sobre a língua, e que se expressa de acordo com um sentido, com o conhecimento da língua, que se expressa no domínio dos significados, e que estes, por sua vez, podem ou não se materializar de forma gráfica e/ou fônica.

Palavras-chave: escrita; linguagem; língua.

Da “significação morta” ao “avesso da significação”

Márcia ROMERO

Propomo-nos, nessa apresentação, a partir de uma discussão epistemológica do conceito de “escrita” em Lacan, refletir sobre o que, por ora, chamaremos de “o avesso da significação” da palavra ou, no domínio da – ou de algumas – linguística(s), “a significação morta”. Essa discussão detém-se, de um lado, no jogo significativo da metonímia e da metáfora, por ser a metonímia – conexão que mantém ligados um significativo com outro – o que garante, à cadeia, a delegação de um significativo ao lugar periférico do Um, e a metáfora o mecanismo de substituição que se encontra na origem dessa exteriorização do inconsciente sob a forma de um significativo (significante metafórico). Neste jogo, encontra-se uma primeira concepção de escrita, apreendida exclusivamente por sua “precipitação”, i.e. exteriorização do inconsciente sob a forma de um significativo. A discussão detém-se ainda, de outro lado, no fato de que tal precipitação, qualquer que seja a natureza adquirida – por exemplo, a do sintoma ou do lapso – não nos permitir jamais interpretá-la, uma vez que toda e qualquer interpretação consistiria em lhe atribuir uma significação que, por si só, anularia o significativo. A escrita, em sua segunda concepção, aparece ao associarmos o sintoma a outros que se repetem, sendo nessa repetição que se dá a ver a escrita na “precipitação”. Ao aplicarmos o raciocínio lacaniano ao domínio da língua, não seria o emprego de um dado termo uma “precipitação”? E, ainda que a interpretemos, por ser esta a natureza da língua em uso, não seria esta interpretação a responsável por anular o que se encontra no avesso da significação? Se assim for, como passar desse domínio de “significações mortas” para o domínio da repetição na língua, lugar em que O sentido – não o das significações passageiras ou dos sentidos concebidos como conteúdo – *insiste* e transcende?

Palavras-chave: escrita; significação; sentido.

16h30 - Como saborear realidades medonhas?

“Saboreie cada palavra, Meggie”, a voz de Mo sussurrava dentro dela. “Deixe-as derreter na boca. Está saboreando as cores? O vento e a noite? O medo e alegria? E o amor. Saboreie, Meggie, e tudo despertará para a vida.” (op.cit.: 507)

Mastigar para viver: alienação(ões) e escrita universitária

Mical de Melo MARCELINO

Investigando os possíveis percursos realizados por um estudante de graduação nas experiências de escrita acadêmica, este trabalho visa a ampliar as reflexões que já se vem fazendo sobre o tema, levando em consideração os processos de alienação e separação envolvidos no “aprender a escrever”. Consideramos que a alienação e separação são operações importantes nesse percurso, podendo o sujeito alienar-se a uma teoria, a uma instituição ou até mesmo a um professor ou orientador, da perspectiva das projeções que o sujeito faz a respeito desses elementos que podem ocupar o lugar de Outro. Observando dados colhidos da escrita de estudantes de um curso de Pedagogia, verificamos, no entanto, que essa alienação se manifesta de modos diversos, ao que nos colocamos as seguintes indagações: Existem modos diversos de alienar-se ao Outro? Se sim, que modo é aquele que permite ao sujeito separar-se do Outro em favor de uma ética de criação? E mais: Como o professor universitário, diante da realidade das escritas que lhe são ofertadas, pode posicionar-se de modo que favoreça a separação de seus alunos, trocando o medo pelo entusiasmo? Para perseguir essas questões, serviremo-nos dos conceitos de alienação e separação tal qual propostos por Lacan (1964) e da metáfora do livro *Coração de Tinta*, que tematiza este workshop.

Palavras-chave: alienação; separação; escrita universitária.

Do particular ao público: saboreando novas realidades

Renata de Oliveira COSTA

Em um estudo anterior, analisamos os modos pelos quais crianças recém alfabetizadas mobilizavam argumentos para persuadir um auditório particular, a análise dos dados mostrou que os informantes foram capazes de selecionar argumentos eficazes para cada um dos interlocutores propostos. Interessa agora observar se essa eficiência se mantém quando a argumentação passa a se destinar para um destinatário coletivo. Portanto, buscamos responder à seguinte pergunta: *Em que medida crianças cursando os anos iniciais do Ensino Fundamental são capazes de selecionar*

argumentos e construir um texto convincente para um “auditório universal”? Para tanto, selecionamos nove manuscritos de um informante de oito anos de idade, coletados durante um período de um ano e oito meses. Dentre esses manuscritos, seis são propostas de escrita de cartas para um destinatário em particular (auditório particular) e três deles propostas de escrita de textos para um destinatário coletivo (auditório universal). Observamos que as primeiras produções, destinadas a um auditório particular, apresentavam argumentos eficientes para o destinatário proposto, já nas últimas produções, inicialmente, nos pareceu que esses textos não eram tão eficazes. Ao lançarmos um olhar mais atento para os últimos textos, percebemos que essa “ineficácia”, poderia ser uma tentativa de “separar” de um padrão estabelecido, de criar um estilo próprio. Pretendemos, assim, a partir da análise dos dados, observar a lógica a partir da qual a criança elabora sua argumentação para um auditório universal: será possível saborear essa nova realidade?

Palavras-chave: argumentação; escrita; auditório.

Do medo ao entusiasmo: um professor, que ser estranho

Claudia Rosa RIOLFI

Cada um de nós está certamente aquém quando se mira no espelho das expectativas sociais. Entre o que pensamos dever ser e o que a realidade dos fatos nos mostra, há algo que, nos excedendo, nos assombra. Confrontados com quem julgamos esperar algo de nós, nos perguntamos: estaremos à altura? É lógico que não! Constatando nossa eterna insuficiência, murchamos. Somos invadidos pelo medo e abandonamos nossos bons propósitos. O desejo de ser reconhecido publicamente por nossa adequação aos padrões sociais não é um bom companheiro do entusiasmo. Quem, em primeiro lugar, quer ser um profissional adequado, recorre à fórmulas consagradas ao invés de pôr de si. Estaria tudo bem se não fosse um pequeno detalhe: a parte de si próprio que não encontra expressão no seu trabalho permanece não realizada, como se fosse uma assombração a lhe perseguir. Assombrado, o professor adequado não saboreia o vento, a noite, a alegria. Acima de tudo, não saboreia a possibilidade de construir com seus alunos um novo laço (por que não chamar de amor?) que, se perfilando para além das convenções que,

supostamente, regem os modos por meio dos quais se deve ensinar, permite ao professor assumir o que ele tem de estranho, do que lhe faz de diferente de todos os outros, e fundar aquilo que o psicanalista francês Jacques Lacan chamou de *sinthoma*, um estilo singular, uma repetição irredutível a toda tentativa de pasteurização. Por meio do exame de situações nas quais o professor agiu de modo pouco condizente com as convenções, tendo obtido bons resultados, o trabalho argumenta a favor da inclusão da dimensão do estranho na educação pública em nosso país.

Palavras-chave: singularidade; identificação; ação docente.